

Sartre: da consciência do ser e o nada ao existencialismo humano

Sartre: from conscience in being and nothing to human existentialism

Cléa Gois

Professora Assistente

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Universidade Veiga de Almeida - UVA

Resumo

O presente trabalho procura analisar os conceitos de "liberdade" e "consciência", tal como aparecem definidos na obra de Jean-Paul Sartre, *O Ser e o Nada*, com o objetivo de destacar as linhas fundamentais do existencialismo sartriano. Analisa-se a articulação de diversos conceitos entre si, e seu encadeamento no sistema de pensamento sartriano, mostrando-se qual é a relação entre liberdade e consciência que dá coerência a todo o sistema. A liberdade não é uma propriedade do homem, é o ser mesmo do homem, engajado em uma situação. Para a consciência, também para a liberdade: esta é, não uma coisa, mas um ato, o modo mesmo da ação humana no mundo, do desvelamento, da significação, da humanização do mundo.

Palavras-chave: Sartre, liberdade, consciência, existencialismo

Abstract

A conceptual analysis is undertaken, of "freedom" and "consciousness", as such notions appear defined in Sartre's Being and nothingness, so that the fundamental tenets of Sartrean existentialism be highlighted. Several conceptual articulations are analysed, in their interdependence in Sartre's thought, in order to point out that it is the relationship between the concepts of "freedom" and "consciousness" that lends the whole system its coherence. It is also shown that, though freedom is not a value, the relationship between freedom and consciousness implies an Ethic, for the conscious acknowledgment of our total freedom, and the realization of such freedom in action, are intrinsically valuable.

Key-words: Sartre, liberty, conscience, existentialism.

Introdução

O existencialismo ateu, que Sartre, representa, declara que se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que

existe antes de poder ser definido por qualquer conceito e que este ser é o Homem. O homem não é mais o que o que ele faz. A nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda a humanidade, escolhendo-me, escolho o homem.

A liberdade não é uma nova essência ou uma nova qualificação da consciência: ela é totalmente projeto de um mundo. Minha perspectiva será essencialmente filosófica, mas minha preocupação básica é indicar que as questões da Liberdade e da Consciência sejam tratadas de forma engajada.

Sartre o Existencialismo

No *Existencialismo é um Humanismo*, manifesto onde Sartre pretendeu mostrar a quintessência teórica de *O Ser e o Nada*, o filósofo tenta uma saída para as numerosas críticas que se dirigiam contra seu pensamento: a de apresentar uma visão demasiadamente sombria da vida; a de acentuar um pessimismo negro e desumano; a de escandalizar com seu naturalismo, similar, aliás, ao dos romancistas da época, complacentes com tudo o que fosse “feio” na vida humana. Daí o ensaio ter um título que precisa defender o “humanismo”, ressaltando algumas teses principais de sua visão do mundo, de uma maneira que pretende ser menos pessimista.

O pensamento de Sartre reflete a preocupação, dita “existencial”, de que o homem, posto no mundo pela sociedade, política, família, educação, ou hábitos adquiridos, está sempre, não num corredor estreito, ou num curral, mas numa encruzilhada de múltiplos caminhos. A escolha, pelo ser humano, dentre os vários caminhos, deve revestir-se da responsabilidade de uma opção, atuante, participante, por mais que isto possa parecer inquietante, ou incômodo.

Sartre entende por “existencialismo” um ideário, ou uma posição filosófica, que torna possível dar um sentido à vida humana. Por outro lado, declara que toda a verdade, e toda a ação, implicam um meio humano, e uma subjetividade humana.

O existencialismo afirma que a “existência precede a essência” (SARTRE, 1946, p. 80). Esta fórmula ou “tese” ontológica, tem miríades de

implicações, dentre as quais a de que temos que partir da subjetividade, para entender a existência. Para o existencialismo, tal como Sartre o entende, o homem primeiramente existe, descobre-se a si, surge no mundo, e, só depois, define-se. O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, ou como ele se concebe após a existência. Não somos mais do que o que fazemos. Ficou famosa sua resposta aos estruturalistas, no sentido de que não importa o que as estruturas fazem de nós, mas, sim, o que nós fazemos disso que elas fazem de nós (SARTRE, 1946, p. 82).

A primazia, ou anterioridade da existência é o princípio fundamental do Existencialismo. Seu primeiro esforço é, portanto, o de analisar o homem, na situação em que ele se encontra, e o de atribuir-lhe a total responsabilidade por aquilo que ele se torna, não só individual mas coletivamente. Pois, se a existência precede a essência, e se queremos existir, ao construirmos nossa imagem, esta imagem será “válida” para todos: escolhendo-me, “escolho” a humanidade. Essa arqui-responsabilidade dá origem, como seria de se esperar, a uma “angústia”. Não podemos escapar dessa responsabilidade total.

Para Sartre, a inexistência de Deus é um pressuposto “de fundo”. Não se trata de prová-lo: o homem *está abandonado*. Não encontra, nem em si, nem fora de si, realidade alguma que o sustente. Se Deus não existe, não podemos encontrar, fora de nós, valores ou imposições que nos legitimem o comportamento. Somos livres, mas absolutamente sós, e sem desculpas. Para Sartre, não é tanto Deus que está morto, mas um conjunto de valores intermediários, entre Deus e o homem, um conjunto de mitos e semi-deuses, que os filósofos denominaram de “valores”.

Tudo é gratuito. No entanto, pelo próprio fato de existir, o homem tem que sobrepujar essa gratuidade. A capacidade de ser “bom” não é um “dever”: encontra-se na própria vida. Mas o que posso fazer com minha liberdade?

A liberdade, sendo basicamente projeto, tarefa, já que não tem essência, deve fazer-se, criar-se. Já que é espontaneidade pura, é invenção constante. Ser é agir. Enquanto projeto, a consciência se lança adiante, no futuro. O homem se distancia do seu passado..., e do determinismo, ao projetar-se para o seu futuro.

O “novo humanismo” de Sartre pretende mostrar que é possível uma liberdade para todos, uma liberdade que não seja um “ideal moral”, mas que seja estrutura ontológica da própria ação humana.

O homem sartriano desenvolve uma incessante atividade no mundo e, no entanto, permanece, de com ele instituir relações duráveis e positivas, saindo do seu doloroso e abstrato isolamento. É exatamente com o objetivo de eliminar esse isolamento que Sartre elabora a noção de “situação” na obra *L'Être et le Néant*, procurando através dela transformar a abstração anônima do ser-para-si nessa realidade mais concreta que é o “homem-em-situação” (SARTRE, 1943, p.583).

De um ponto de vista geral, a situação designa o complexo dos determinismos e das estruturas que condicionam o homem enquanto sujeito agente. Mas não se pense que a situação coincida simplesmente com o ser-em-si opaco do mundo, ser que de diversos modos limita a minha liberdade. Ela é antes a interseção, o encontro e o desencontro entre esse ser-em-si e os meus livres projetos. A situação, com efeito, defini-se e configura-se apenas em relação aos projetos elaborados pelo ser humano. Sartre distingue e analisa as principais estruturas situacionais que, de um ou outro modo, condicionam a livre escolha do projeto do ser humano. São elas: o *local* em que me encontro, a um nível geral e particular; o *passado*, ou seja, os acontecimentos históricos-temporais pelos quais passei; os meus *entours*, isto é, as “coisa-utensílios” que me circundam, com suas próprias adversidades e utilização; o meu *próximo*, enquanto presença fatural do Outro ou dos Outros como tal, com todas as potenciais

implicações que acarretam para o meu projeto. Ligada à existência do próximo está a alienação do sujeito humano, a qual, ainda que sempre superada ou superável, através da escolha e da ação, nunca é definitivamente eliminada, constituindo para Sartre o caráter essencial de cada situação em geral; e a morte, enquanto derrota sem direito a retroagir, de novo absurda, porque estranha a nós, no seu determinismo, fato que retira todo o significado à vida.

É exatamente ao aprofundar a noção de situação que Sartre desenvolverá o seu próprio pensamento na direção de um existencialismo mais consciente da presença ativa e condicionada da história e da sociedade em relação à vida do indivíduo. Neste momento, é difícil verificar, se esta elaboração do conceito de situação será uma superação convincente da abstração e da solidão ontológica do sujeito sartriano. Saliento o fato de que a situação surge como estrutura do sujeito e, em última análise, dependente dos seus projetos. Tudo o que condiciona o sujeito constitui uma situação apenas se e enquanto seja assumida e vivida enquanto tal. Por outro lado, é ainda necessário observar não chega a condicionar efetivamente a liberdade humana. Mesmo realizando-se no interior de uma situação, ela permanece um absoluto, com incondicionado, permanece algo de intrínseca e ontologicamente independente da realidade objetiva e até mesmo a ela se contrapondo.

A liberdade

Na seção de *O Ser e o Nada*, dedicada à análise da liberdade e do agir humano, Sartre nos dá a ilustração de uma teoria que lhe é particularmente cara: a teoria segundo a qual o homem é um ser que escapa a todo o rígido determinismo exterior e também interior, um ser imediata e integralmente responsável por todas as suas ações. O homem, em suma, é intrínseca e ontologicamente livre.

A liberdade, é apresentada de uma maneira bastante tradicional, contrapondo-se simetricamente à necessidade. A liberdade consiste na prerrogativa absoluta que o homem possui de decidir diretamente sobre seus próprios atos, sendo simultaneamente fundamento e expressão do não-condicionamento do agir humano. O primeiro ato que lhe é inerente é o da escolha. É a escolha que “dá sentido à ação determinada, que eu posso ser levado a tomar em consideração” (SARTRE, 1943, p. 559). Com esta definição, Sartre procura distinguir a liberdade humana do mero arbítrio. Afirmar que o homem é livre não significa conferir-lhe o poder ou o destino de agir caprichosamente e ao acaso. O homem é livre à medida que pode livremente decidir o seu próprio comportamento, escolhendo os seus próprios valores, elaborando os próprios projetos e, deste modo, assumindo uma determinada atitude em relação ao próprio futuro, presente e passado. No plano ontológico, a liberdade é a possibilidade do para-si existente negar a sua própria faticidade em-si, transcendendo-a em direção a uma outra situação.

De particular importância é a recusa de Sartre de reduzir a liberdade a uma prerrogativa pertencente apenas aos atos reflexos voluntários. Pois se tal teoria fosse válida, seria necessário admitir que o homem está absurdamente dividido em compartimentos heterogêneos, por exemplo, o Eu voluntário e livre e o Eu passional e escravo.

Na realidade, a liberdade está bem longe de se reduzir ao âmbito da ação, da razão e da vontade. Condição e fundamento do próprio ser do homem, ela manifesta-se em todos os seus atos. Não sendo exclusivas depositárias da liberdade, as ações voluntárias são apenas um certo modo de ser sujeito relativamente aos motivos e estímulos que levaram o seu agir. Se tal modo foi privilegiado, isso sucedeu com base numa interpretação completamente errada da ação humana e da sua gênese. Segundo esta interpretação, o sujeito age depois de ter racionalmente avaliado as possíveis

causas que ocasionaram a sua própria ação. Na realidade, de modo algum existem motivos preexistentes “em-si” da ação: sou eu que em tal os transformo ao inseri-los numa escolha minha, num projeto meu, no interior do qual eles assumem um significado e um peso para-mim. Ora, esta escolha e este projeto estão longe de serem determinados exclusivamente pela razão: resultam essencialmente de pulsões e intenções pré-reflexivas. A deliberação racional e voluntária é apenas um momento posterior, o qual, além de ser indispensável, constitui, por sua vez, uma escolha: “Quando delibero, o jogo está feito. E se devo chegar a uma deliberação é apenas porque cabe no meu projeto original o dar-me conta dos motivos através da deliberação, e não através de qualquer outra forma de descoberta” (SARTRE, 1943, p. 547).

Também a polêmica de Sartre contra todas as formas de determinismo psicológico não está isenta de observações importantes. O erro de fundo do determinismo psicológico foi, e é, o de procurar uma causa preexistente, unívoca e objetiva para todos os atos humanos, ao mesmo tempo que descarta a existência da consciência crítico-intencional do homem e a sua inerente capacidade de agir de um modo livre e próprio, consoante faticidade do existente. A esta atitude errada contrapõe Sartre uma psicologia que se recusa a reduzir a consciência a um inerte em-si, em vez disso concebendo-a como um para-si ontologicamente “em falta” e “desejante” e, portanto, ontologicamente tendente a superar a sua própria situação. A liberdade é, precisamente, esta permanente superação e projeção absolutamente espontânea e não derivada do sujeito. O livre agir não resulta propriamente de alguma causa que o motive, sendo antes ele mesmo ao escolher as suas próprias causas à luz dos seus próprios fins e projetos.

É essa co-responsabilidade que dá fundamento à angústia, pois cada indivíduo é um Legislador pronto a escolher, a si próprio e a humanidade inteira, não podendo escapar a essa sua total e profunda responsabilidade.

Mas nem para Sartre, a liberdade equivale a libertinagem. Liberdade absoluta só existe para o projeto fundamental, para a escolha originária, escolha absolutamente incondicionada. Todas as outras escolhas são condicionadas pela escolha originária, a qual no entanto, pode ser modificada. A modificação do projeto inicial é possível em qualquer momento: “A angústia que, quando revelada, manifesta à nossa consciência a liberdade, atesta a modificabilidade perpétua do nosso projeto inicial” (SARTRE, 1943, p. 80-82). Estamos constantemente ameaçados de termos anulada a nossa escolha atual, constantemente ameaçados de nos escolhermos e de nos tornarmos assim diferentes do que somos. Tudo o que acontece no mundo remonta à liberdade e à responsabilidade da escolha originária; por isso nada do que acontece ao homem pode ser tachado de inumano.

Esta angústia não nos separa da ação, mas faz parte da própria ação: “É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade” (SARTRE, 1943, p. 66-67) ou, dito de outro modo, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência do ser. A liberdade que descobrimos na angústia, que é angústia de mim mesmo, caracteriza-se pelo nada, que se insinua entre os motivos e o ato, e carrega consigo um fundamento de niilização, uma vez que a angústia é também captação do nada.

O Nada, o não-ser, aparece sempre que interrogamos sobre o ser, porque as respostas revelam-se, juízos negativos, alguma limitação ou parte do não-ser. A interrogação mostra-nos que nos encontramos rodeados de negações (nadas). É a possibilidade permanente do não-ser, fora de nós mesmos e em nós mesmos o que condiciona nossas questões sobre o ser. O que quer que o ser seja deve surgir necessariamente sobre o fundo do que não é. É a negação, como estrutura do juízo negativo, onde se encontra a origem do nada ou, pelo contrário, é o Nada, como estrutura do real, a origem e fundamento da negação? Sartre opta pela segunda; as famosas

negações somente fazem descobrir os cortes do não-ser no seio do ser, pois do ser não se derivará nunca a negação. A condição necessária para que seja possível dizer “não” é que o não-ser seja presença perpétua, em nós mesmos e fora de nós mesmos e que o “nada” seja interior ao ser.

Assim, é pelo ser que o nada vem às coisas. E o ser por quem o nada surge no mundo “é um ser em quem, em seu ser, está em questão o nada de seu ser” (SARTRE, 1943, p. 543). Este ser é o homem, no seio do qual se dá um processo “niilizante” e que faz aflorar o nada no mundo. É a possibilidade para a existência humana de segregar o nada se chama “liberdade”. Esta liberdade que pertence à essência do ser humano é condição indispensável de sua niilização. Aqui Sartre situa a liberdade em relação à angústia. É na angústia onde o homem toma consciência de sua liberdade, isto é, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência do ser.

Quando Sartre, afirma que “o homem está condenado a ser livre” (SARTRE, 1943, p. 515-516), significa que, está condenado porque não se criou a si mesmo: e no entanto é livre, porque uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo quanto fizer. O existencialista crê que o homem é responsável por sua paixão. Pensa, que o homem, sem qualquer auxílio, está condenado a cada instante a inventar o homem - um futuro virgem que o espera.

A liberdade não é uma nova essência ou uma nova qualificação da consciência: ela é totalmente projeto de um mundo. Sartre não desengaja uma espécie de liberdade essencial à consciência ou ao homem, uma liberdade paradisíaca que, em seguida, procuraria engajar-se no mundo e na ação, pois “não há liberdade a não ser a engajada, em determinada situação” (SARTRE, 1943, p. 575-576). É esta precisamente a faticidade, isto é, a irremediável contingência de nosso ser-aí, de nossa existência sem meta e sem razão.

Sendo essencialmente projeto, isto é, tarefa, projeto de libertar-se, a liberdade descobre-se no próprio ato numa unidade com esse ato" (SARTRE, 1943, p.516). A consciência Sartriana, em vez de "ser", já que ela não tem essência, deve "fazer-se", "criar-se", uma vez que ela é espontaneidade pura, invenção constante. A ontologia Sartriana não repousa apenas sobre a dicotomia entre o "em-si", que é o mundo, a coisa, e o "para-si", a consciência, já que, o ser não é um depósito. O fazer é um "em si" tão importante como o ser "ter", "fazer", "ser" são categorias básicas da "realidade humana". Pela primeira vez, a fenomenologia se desenvolve no sentido de uma filosofia do fazer, da criação da ação, de um pragmatismo no sentido lato. Ser é agir.

Mas se fazer é fazer-se outro, isto é, auto-transformar-se, o recuar nadificante da consciência não pode ser uma atitude de contemplação ou de um espectador desinteressado. Consciência quer dizer projeto de retomada e de transformação. Em Sartre, a nadificação é intenção de transformação do mundo, ou intenção de se transformar a si próprio, pois o eu faz parte do mundo., Basta então levar até o fim a redução fenomenológica, reduzir até o eu e chegar até a consciência-nada-transcendental para que a filosofia intuitiva, contemplativa, reveladora, que é a fenomenologia, transforme-se em filosofia de ação, em filosofia de trabalho, em filosofia da práxis. E reciprocamente, em Sartre, não há ação que não seja revelação; não há senão a ação que nos permite vislumbrar, conhecer. O recuar nadificante é uma maneira de se retirar de uma situação para vê-la, compreendê-la, transformá-la.

A consciência é projeto. Ela se lança adiante no futuro: podemos compreendê-la só em função daquilo que será. A redução fenomenológica significa, para Sartre, que o homem se distancia do seu passado e do determinismo, da causalidade eficiente que vai do passado ao presente, e se projeta para o seu futuro. Se procurarmos analisar a nossa consciência e sondá-la, veremos que é vazia, encontraremos nela apenas o

futuro. Todavia o projeto é ao mesmo tempo movimento do futuro para o presente. O homem é o ser que vem a si próprio a partir do futuro, que se define por seus fins.

Os fins que me proponho ou que eu projeto, se refletem em minha situação e me proporcionam meios para transformá-la. Se podemos ter uma consciência do presente é graças a essa distância que assumimos em direção ao projeto para o futuro. A redução fenomenológica assim efetuada é liberdade, libertação do determinismo do passado e retomada a partir do futuro. E aí, surgem os dois movimentos fenomenológicos complementares: colocação (do passado) e intencionalidade, e a definição da consciência do presente, graças a esse duplo movimento.

Por meio de seu método fenomenológico de desvendamento, pretendia fazer parecer o sentido escondido, no duplo sentido de significação e de finalidade. Quer dizer, o fim já está lá sob forma latente. Mas, para Sartre, não existe o já dado, pois a redução vai até o nada. A intenção visa o que ainda não é, não aquilo que é latente, senão aquilo que é futuro. É por isso que a consciência-projeto só desvenda valores criando-os na liberdade que desabrocha na ação. Não há valores dados ou latentes, pois o valor não existe jamais. O homem é apenas aquilo que faz no presente.

Todavia, já que a liberdade não é dada e que ela é projeto de libertação, ela encontra uma resistência. Não apenas os limites de uma situação de fato, a faticidade, a ameaça, mas também as tentações da "má-fé", que nos levam a tentar fugir à responsabilidade e à solidão da decisão livre. Como toda ação é transformação, esforço, luta, essa decisão se lança contra o adversário. Ela é fracasso. Em vista da liberdade e da ação, a redução fenomenológica leva à concepção mais radicalmente anti-naturalista, anti-materialista do homem. O homem não se explicará a partir do mundo e dos outros domínios de entes no mundo. A consciência nadificadora do mundo é pura

existência, sem essência, pura subjetividade e suporta por si a nossa humanidade. É só graças a ela que somos homens.

Porém, essa consciência não é distinta do mundo. Ela é inteiramente intencionalidade do mundo, do qual ela se arranca. Seu próprio nada está virado inteiramente para o mundo pela intencionalidade que a define especificamente, tanto como o seu nada, como a sua liberdade. Ela não é objeto, mas inteiramente projeto. Quer dizer, o homem se define não por caracteres ou por uma natureza que lhe seriam inerentes, mas unicamente por seus empreendimentos no mundo, pela ação.

Mas Sartre destitui o homem de qualquer natureza, mesmo animal, para salvaguardar sua liberdade de ação, não será para lançá-lo nos braços de Deus. Se a consciência tem realmente tudo fora dela, se ela não é interioridade, não descobrimos nada, nem um fundo recalcado, pois a consciência é toda translucidez, um fundo que repousaria sobre um além do homem, sobre uma transcendência. O homem se define sem Deus. Tendo operado a redução fenomenológica no eu e no mundo, Sartre, para conservar a consciência em seu puro nada, e portanto, como pretensão de liberdade, agora opera o mesmo processo com respeito a Deus. Quando se trata de discutir a humanidade do homem, a consciência deve apartar-se de Deus, como ela apartou-se de seu eu e do mundo. Quando se deseja de definir o homem, Deus será simplesmente colocado entre parênteses. Não se trata de demonstrar que Deus não existe, pois ainda que Deus existisse, em nada se alteraria a questão; esse é o ponto de vista fenomenológico de Sartre. Não que ele acredite que Deus exista; pensa antes que o problema não está aí, no da sua existência: “é necessário que o homem se reencontre a si próprio e se persuada de que nada pode salvá-lo de si mesmo, de sua liberdade, nem mesmo uma prova válida da existência de Deus” (SARTRE, 1946, p.55).

Mas a descoberta verdadeiramente angustiante é que este vazio. este não ser, não está perante, ou fora de nós, ele está em nós mesmos. O homem

descobre que essa inquietante liberdade está nele próprio. Ontologicamente destinado a agir e a transcender o ser e, portanto, a transcender toda a confortável rotina determinista, o homem dá-se conta de estar “condenado à liberdade”, que se identifica precisamente com este urgente impulso interior para transcender o existente. É nesta base que se instala a irresistível tendência do homem para fugir de si próprio, para fugir da sua própria e angustiante abertura interior ao não-ser. A fuga de si próprio como permanente comportamento humano é a má-fé.

Conclusão

Para descobrir a humanidade do homem, a consciência “arranca-se” de “seu” Deus, como foi “arrancada” de seu eu e do mundo. Para definir o homem, Deus será colocado entre parênteses. A questão não é se Sartre acredita ou não na existência de Deus. O problema não está aí, na “existência” de Deus. É necessário que o homem se reencontre a si próprio, e que saiba de que nada pode salvá-lo de si mesmo, de sua liberdade. É aqui que encontramos a relação entre consciência e liberdade, na doutrina sartreana da ação. Como ele diz, “só a ação é realmente libertadora; só ela é a verdadeira medida do homem” (SARTRE, 1943, p. 508). Sartre sabe que tudo o que acontece no mundo acontece através do homem, e que cada um é um homem total, e, ao mesmo tempo, toma consciência de que existimos só enquanto agimos.

Referências

- SARTRE, Jean-Paul. *La Nausée*. Paris: Gallimard, 1938.
- _____. Jean-Paul. *L'Être et le Néant – Essai d'Ontologie Phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1943.
- _____. *L'Existentialisme est un Humanisme*. Paris: Nagel, 1946.